

editorial
editorial
entrevista
interview
ágora
agora
tapete
carpet
projeto
project
expediente
credits
próxima vírus
next virus

V!23

REVISTA V!RUS
V!RUS JOURNAL

issn 2175-974x
dezembro . december 2021



ÁGORA
ÁGORA

VOZES DE MULHERES NEGRAS DE PARELHEIROS: INTERNET, INTERSECCIONALIDADE
THE VOICES OF AFRO-BRAZILIAN WOMEN FROM PARELHEIROS: THE INTERNET AND INTERSECTIONALITY
ANA GABRIELA LIMA, ANGÉLICA BENATTI ALVIM, JAQUELINE DE ARAUJO RODOLFO

PT | EN | PDF

Ana Gabriela Godinho Lima é arquiteta e urbanista, Doutora em História da Educação e Filosofia do Conhecimento com Pós-doutorado em Artes. É Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, onde é co-responsável pelo Projeto de Pesquisa "Cidade, Gênero e Infância". É autora do livro "Arquitetas e arquiteturas na América Latina do século XX" (Altamira Editorial, 2013). Estuda Arquitetura Escolar, Ensino de Arquitetura e Urbanismo, História das Mulheres na Arquitetura, História da Arquitetura na América Latina, História e Teoria da Arquitetura Contemporânea, Processos de Projeto em Arquitetura e Urbanismo e Design. anagabriela.lima@mackenzie.br

<http://lattes.cnpq.br/2010070403291740>

Angélica Aparecida Tanus Benatti Alvim é arquiteta e urbanista, Doutora em Arquitetura e Urbanismo e Professora Titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da mesma instituição. É líder do grupo de pesquisa Urbanismo Contemporâneo: redes, sistemas e processos, onde realiza pesquisas sobre projeto urbano, mobilidade e meio ambiente. angelica.alvim@mackenzie.br

<http://lattes.cnpq.br/3698530751056051>

Jaqueline de Araujo Rodolfo é arquiteta e urbanista, Mestre em Arquitetura e Urbanismo e pesquisadora do grupo de pesquisa Urbanismo Contemporâneo: redes, sistemas e processos, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Estuda intervenções urbanas, programas de urbanização, assentamentos precários, dimensões da sustentabilidade, meio ambiente e mananciais da Região Metropolitana de São Paulo. jaqueline.rodolfo@mackenzie.br

<http://lattes.cnpq.br/9553533340324968>

Como citar esse texto: LIMA, A. G. G.; ALVIM, A. T. B.; RODOLFO, J. A. Vozes de mulheres negras de Parelheiros: Internet, interseccionalidade. **V!RUS** n. 23, 2021. [online]. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus23/?sec=4&item=6&lang=pt>>. Acesso em: dd/mm/aaaa.

ARTIGO SUBMETIDO EM 15 DE AGOSTO DE 2021

Resumo

Este trabalho analisa os discursos das mulheres negras de Parelheiros — um dos distritos mais pobres e violentos da cidade de São Paulo — veiculados em sítios eletrônicos. Foi adotada a seguinte metodologia: levantamento dos sítios eletrônicos que abordam pautas raciais, periféricas, de gênero e os problemas vividos por mulheres em Parelheiros; construção do quadro teórico para a análise

a partir de quatro eixos: o feminismo interseccional, as vozes negras na Internet, o contexto de Parelheiros e o posicionamento da discussão no âmbito das epistemologias do Sul Global. Como resultado, verifica-se que a circulação de diferentes formas de expressão escrita por meio da Internet transformou-se em ferramenta de superação do chamado "silenciamento das periferias", possibilitando a formação de redes de solidariedade, organização de eventos, desenvolvimento de projetos de formação e capacitação. Constatou-se, ainda, que, em conjunto, as vozes de mulheres negras veiculadas pela Internet expressam necessidades e aspirações pessoais e coletivas, que de outra forma seriam dificilmente visíveis. Os relatos de como os espaços urbanos ensejam e convidam — ou dificultam e impedem — as oportunidades dessas mulheres, caracterizam em boa medida os modos como as desigualdades sociais, econômicas, raciais e de gênero são experienciadas e trabalhadas por esses grupos e suas comunidades.

Palavras-chave: Sul Global, Mulheres Negras, Parelheiros, Interseccionalidade, Internet

1 Introdução

As vozes das mulheres negras raramente são ouvidas ou levadas em conta no processo de planejamento, projeto e implantação das intervenções em comunidades urbanas nas cidades do Sul Global, caracterizadas pela diversidade e desigualdade (BROTO, ALVES, 2018; RIGON, BROTO, 2021). Na constituição destas comunidades, um determinado grupo passa a existir a partir do surgimento de programas e técnicas que estimulam e aproveitam práticas ativas de gestão da própria individualidade e construção de identidades, de éticas pessoais e alianças coletivas (Rose, 1999 *apud* RIGON, BROTO, 2021). Nesse sentido, a escrita das mulheres negras periféricas veiculada em sítios na Internet pode ser entendida como ferramenta de fortalecimento, um modo de dar sentido ao "Eu" dessas mulheres, bem como de constituição de redes de apoio, formação e criatividade. Neste trabalho, analisamos os discursos por escrito das mulheres negras de Parelheiros, distrito localizado na periferia Sul da cidade de São Paulo — cujos índices de pobreza e precariedade estão entre os mais altos do município. A partir da perspectiva interseccional observamos como a vivência nesses espaços urbanos interfere nas oportunidades de vida e experiências destas protagonistas.

Situamos a análise desses discursos no âmbito das propostas epistemológicas do Sul Global, tal como caracterizadas por Santos, Araújo e Baumgarten (2016). Essas abordagens desafiam as "exclusões produzidas por conceitos eurocêntricos" (p. 20) e consideram como central ao debate decolonial a questão "da produção e circulação de conhecimentos e da epistemologia." (p. 14) Hofmann e Duarte (2021) observam ainda que autoras feministas do Sul Global identificam, nas políticas de desenvolvimento, continuidades do colonialismo patriarcal. Com suas dinâmicas extrativistas, estas avançam sobre os territórios e sobre os corpos. Nesse sentido, a discussão aqui proposta situa as mulheres negras autoras como sujeitos epistêmicos que "produzem, interagem e compartilham seus conhecimentos" (HOFMANN, DUARTE, 2021, p. 44) sobre os territórios em que habitam.

Os seguintes passos metodológicos foram adotados: em primeiro lugar, o levantamento dos sítios eletrônicos que abordassem pautas raciais, periféricas e de gênero em Parelheiros a partir de narrativas de mulheres negras. Ao longo do levantamento, o foco recaiu sobre as experiências e reflexões que ocorreram em interação com espaços edificadas ou espaços urbanos. Exemplos são, por um lado, narrativas de encontros em bibliotecas e salas de aula, atividades realizadas em ruas ou praças públicas. Por outro lado, são testemunhos e reflexões sobre experiências de violência, medo, discriminação ou dificuldades relativas à precariedade de equipamentos ou infraestrutura urbana. Em seguida, foi desenvolvido o quadro teórico para a análise das narrativas levantadas a partir de quatro eixos: o feminismo interseccional, as vozes negras na Internet, o contexto de Parelheiros e o posicionamento desta discussão no âmbito da produção e circulação de conhecimentos no Sul Global.

No primeiro eixo, a discussão fundamenta-se em Allen (2016), Akotirene (2019) e Silva e Ribeiro (2018). Nele, o foco da abordagem do feminismo interseccional é trazer à luz questões específicas vividas pelas mulheres negras no território de Parelheiros, tornando visível o modo como o racismo e o sexismo articulam-se como mecanismos de opressão. No segundo eixo, a partir do trabalho de Silva e Ribeiro (2018) e das discussões promovidas por portais como o Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), Articulação de Mulheres Negras e Brasileiras (AMNB) e Blogueiras Negras, estabelecem-se as bases conceituais de análise. A partir destas constrói-se um entendimento sobre o papel da Internet na veiculação e circulação dos discursos das mulheres negras e periféricas, em geral vetado ou dificultado pelos meios tradicionais de publicação. O terceiro eixo constitui-se na caracterização das condições de vulnerabilidade social e territorial em Parelheiros, em particular no que se refere a aspectos raciais e de gênero. Para tanto, conta com o levantamento em fontes governamentais de dados como o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), a Plataforma municipal Geosampa e a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE). O quarto eixo posiciona a discussão no contexto das epistemologias do Sul Global, conforme discutem Santos, Araújo e Baumgarten (2016) e Hofmann e Duarte (2021), lançando luz sobre sujeitos

epistêmicos invisíveis na perspectiva das chaves conceituais e intelectuais formuladas a partir dos valores do Norte Global. É neste enquadramento que, sob a perspectiva decolonial, torna-se possível compreender como a fala das mulheres negras de Parelheiros pela Internet é essencial não apenas na análise dos aspectos do território que habitam, mas também de seu papel como participantes ativas de uma rede de vozes provenientes de diferentes territórios de vulnerabilidade social e territorial no Sul Global. Considera-se que o conhecimento dessas mulheres é fundamental para a formulação de qualquer intervenção territorial, como colocam Broto e Alves (2018) e Rigon e Broto (2021).

1.1 A abordagem do feminismo interseccional

A perspectiva interseccional torna visíveis mecanismos de opressão que não são perceptíveis sob outras lentes. Nas dinâmicas de coprodução das cidades, parte-se do reconhecimento de que o uso e controle das infraestruturas e recursos em áreas urbanas refletem as estruturas hegemônicas de poder (ALLEN, 2016). Tais dinâmicas transformam-se em formas de violência variadas, derivadas da falta de reconhecimento dos modos específicos de vida e dos problemas experimentados em escala individual (BROTO, ALVES, 2018). A interseccionalidade situa-se no âmbito do feminismo negro, cujos fundamentos vêm sendo construídos por autoras negras desde o século XIX. Maria W. Stewart, Ida B. Wells, Anna Julia Cooper e Sojourner Truth já distinguiam o racismo e o sexismo como mecanismos distintos de opressão. Ao articularem-se e reforçarem-se mutuamente, estes mecanismos geram problemas peculiares às mulheres negras, que os vivem de uma forma que nem mulheres brancas nem homens negros experimentam (ALLEN, 2016).

O termo "interseccionalidade", cunhado pela intelectual afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw, surge em dois trabalhos publicados em 1991: *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory, and Antiracist Politics* e *Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color* (ALLEN, 2016). A popularidade acadêmica desses textos aconteceria após a Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Conexas de Intolerância (2001), ocorrida em Durban, na África do Sul, ainda que correndo o risco de passar "do significado originalmente proposto aos perigos do esvaziamento" (AKOTIRENE, 2019, p. 13-14). No âmbito brasileiro, no final dos anos 1970, a intelectual Lélia Gonzalez, já articulava questões ligadas à opressão de gênero, raça e classe, alertando sobre a interseccionalidade (sem usar a expressão) dessas violências. Enquanto isso, a socióloga afro-estadunidense Patricia Hill Collins substantivava o trabalho de ativistas e pesquisadoras negras no Brasil e na América Latina. No entanto, para Silva e Ribeiro (2018), o pensamento de Gonzalez não alcançou o reconhecimento e impacto que merecia, possivelmente por ter se originado em uma década com recursos muito mais limitados de divulgação e comunicação. Isso explicaria por que uma grande proporção de feministas negras jovens atribuiu a Crenshaw a criação do conceito de feminismo interseccional.

O debate aberto pela perspectiva interseccional inspirou protagonistas como a filósofa e ativista brasileira Sueli Carneiro a fundar o Portal Geledés— Instituto da Mulher Negra¹. Considerado a organização negra mais relevante nas décadas de 1990 e 2000 (SILVA, 2018, p. 254), o sítio eletrônico é tido como "espaço de expressão pública de suas realizações no passado e no presente [...]" (PORTAL GELEDÉS, c1997 – 2021, n. p). Como veículo de informação, o Geledés foi visionário ao detectar a importância desta via de comunicação como modo de fazer frente às narrativas dominantes, motivando o surgimento de outras organizações de mulheres negras no Brasil que se comunicam por meio da Internet. É o caso de portais como o Criola e o Blogueiras Negras (SILVA, RIBEIRO, 2018). A Internet e as redes sociais foram progressivamente favorecendo a popularização do feminismo negro, em grande parte porque suas protagonistas podiam ir a público sem passar pelas barreiras da aprovação acadêmica ou das grandes editoras. Por meio dessas vias, as narrativas das mulheres que são mães e donas de casa, nordestinas, transexuais e jovens que não completaram o ensino médio vêm à tona (SILVA, RIBEIRO, 2018), oferecendo vislumbres de mundos, até então, quase invisíveis.

1.2 Vozes negras brasileiras na Internet

Vimos nas últimas décadas a ampliação da presença de jovens feministas negras nos meios de comunicação. Telejornais e portais de notícias tradicionais e de ampla circulação passaram a contar com protagonistas que se beneficiaram dos caminhos abertos pela luta das organizações de mulheres negras desde 1980. Antes disso, registram-se importantes contribuições dessas protagonistas nas áreas educacionais e culturais, na formulação de políticas públicas, e outras áreas do saber (SILVA, RIBEIRO, 2018). Este foi um importante substrato sobre o qual se organizaram, além do Geledés, portais referenciais como o Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), o Articulação de Mulheres Negras Brasileiras (AMNB) e o próprio Blogueiras Negras.

O CEERT², com sede na cidade de São Paulo, foi fundado em 1992 por Hédio Silva Jr., Ivair Augusto Alves dos Santos e Maria Aparecida Silva Bento. Como organização não-governamental, "produz conhecimento, desenvolve e executa projetos voltados para a promoção da igualdade de raça e gênero" (CEERT, c2002 – 2021, n. p.). Atua nas áreas de educação e raça, com presença em congressos e fóruns, ações escolares e intercâmbio de estudantes por meio de instituições como o *British Council*. Valorizando a perspectiva de gênero, o CEERT mantém projetos como o Enfrentamento da Violência Contra as Mulheres, com Recorte de

Raça, em parceria com o Instituto Avon e o programa de Assessoria para a Equidade de Raça e Gênero, em parceria com a Fundação Itaú Social.

O portal Articulação de Mulheres Negras Brasileiras³ conecta vinte e nove organizações em todo o território nacional. Tem como missão: "promover a ação política articulada de grupos e organizações não governamentais de mulheres negras brasileiras" (AMNB, c2021, n. p.), buscando combater o racismo, o sexismo e a opressão de classe. Mantém um mapa de localização das organizações participantes no qual é possível obter os dados de contato, bem como informações sobre seu escopo de atuação (AMNB c2021). Atualmente é coordenado pelo Centro de Estudo e Defesa do Negro no Pará (CEDENPA), pelo Instituto de Mulheres Negras de Mato Grosso (IMUNE), pelo N'Zinga — Coletivo de Mulheres Negras de Belo Horizonte, pelo Odara — Instituto da Mulher Negra e pela Rede de Mulheres Negras do Paraná (RMNPR). Por sua vez, criado para fortalecer e dar visibilidade à produção de cultura, a plataforma digital Blogueiras Negras⁴, fundada em 2012, originou-se do projeto Blogagem Coletiva da Mulher Negra com o objetivo de dar visibilidade a um conjunto significativo de produção literária de mulheres negras. Comunidade composta por mais de mil e trezentas mulheres, a plataforma conta com produções escritas de duzentas autoras negras direcionadas a combater o racismo, a lesbofobia, a transfobia, a homofobia e a gordofobia. Dentre as formas de produção cultural visadas pelo site estão os blogs, vídeos, livros e áudios que também promovem e celebram a cultura afrodescendente (BLOGUEIRAS NEGRAS, c2020).

Os quatro sítios evidenciam o fortalecimento das organizações de comunidades negras ao longo de décadas em que, apenas no Brasil, ainda seria possível mencionar um número significativo de eventos que forneceram bases para a construção dessas iniciativas. Um dos mais significativos foi a Marcha das Mulheres Negras 2015 contra o Racismo e a Violência e Pelo Bem Viver, um movimento brasileiro que levou a Brasília quase cinquenta mil mulheres. A Carta das Mulheres Negras de 2015 foi publicada no Portal Geledés por ocasião deste evento. Dentre suas reivindicações, consta o acolhimento, por parte do Estado e da sociedade, do direito à vida e à liberdade; a promoção da igualdade racial; o direito ao trabalho, emprego e proteção das trabalhadoras negras em todas as atividades; o direito à Terra, ao Território e à Moradia; e o Direito à Cidade bem como o direito à seguridade social, à educação e à justiça, à cultura, à informação e comunicação e à segurança pública (PORTAL GELEDÉS, 2015).

2 Condições de vulnerabilidade social e territorial em Parelheiros: raça e gênero

Conforme o último Censo do IBGE (2010), 37% da população recenseada — dentre 11.253.503 habitantes do município de São Paulo — é autodeclarada negra (parda e preta). Esses dados, conforme recorte de gênero, apontam que as mulheres negras são maioria, contabilizando 2.130.240 habitantes — número que representa 51% da população autodeclarada negra. Embora a população negra do município não seja a maioria entre as autodeclarações (61% população branca, 37% negra e 2% amarela), nota-se, por meio da espacialização da população ilustrada na Figura 1, abaixo, a concentração de determinados grupos nas subprefeituras do município. Os três principais distritos com maior concentração de pessoas pretas e pardas são: Parelheiros (57,1%), M'Boi Mirim (56%) e Cidade Tiradentes (55,4%) (SÃO PAULO, 2015). As três regiões com o maior número de pessoas brancas e que não chegam a 15% do número de pessoas negras são os distritos de Pinheiros, Vila Mariana e Santo Amaro (SÃO PAULO, 2015).

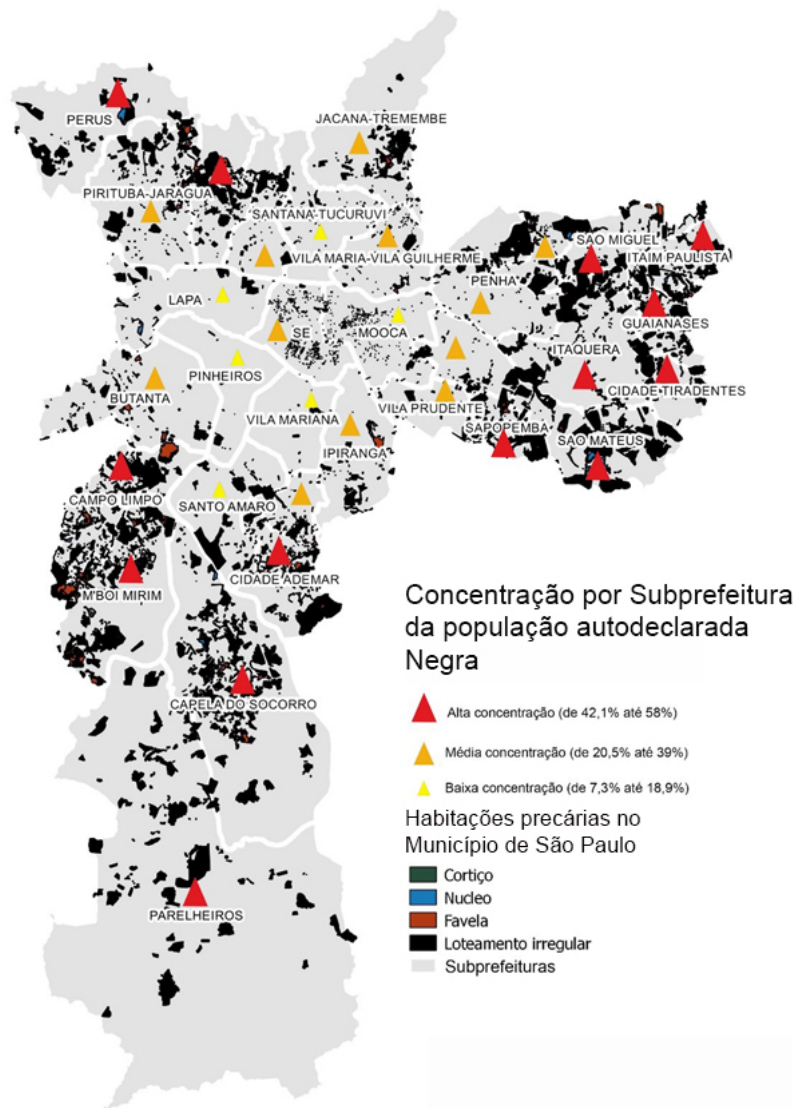


Fig. 1: Mapa da concentração de pessoas negras por Subprefeitura e condições das habitações no município de São Paulo
 Fonte: Elaborado pelas autoras, 2021, com base no CENSO IBGE, na Plataforma GeoSampa e em levantamento realizado pela Secretaria Municipal de Promoção da Igualdade Racial da prefeitura Municipal de São Paulo (2015).

Tal espacialização da população no município, junto à localização dos assentamentos precários (cortiços, favelas, núcleos e loteamento irregular), revela uma forte desigualdade socioespacial. Por meio desse mapeamento, é possível identificar que, quanto maior a porcentagem de pessoas negras, maior a recorrência de situações de habitação precária. Esse é o cenário da Subprefeitura de Parelheiros — composta pelos distritos Marsilac e Parelheiros —, que concentra 57,1% da população autodeclarada negra em um contexto de conflitos entre a desigualdade urbana e a proteção ambiental. Trata-se da maior subprefeitura em extensão territorial da capital paulista, com uma área de 353,5 Km² — o que corresponde a 23,68% do município —, ocupada por 150 mil habitantes.

Situada no extremo sul do município, com forte característica rural reforçada por meio do último Plano Diretor Estratégico de São Paulo de 2014 (Lei Municipal 16.054/2014), a Subprefeitura de Parelheiros localiza-se entre as represas Guarapiranga e Billings, a 10 km da Serra do Mar. Possui em seu território importantes Áreas de Proteção Ambiental (APA), como as unidades de conservação APA Capivari-Monos e APA Bororé-Colônia, além das aldeias indígenas guarani do Krukutu e da Barragem. Seus distritos possuem baixa densidade populacional — Parelheiros, com 825 hab/km² e Marsilac, com 41 hab/km² — em comparação com distritos mais densos, como por exemplo os situados na subprefeitura da Sé, como Bela Vista, com 26.715 hab/km². Por ser uma área de preservação ambiental, destaca-se a concentração de situações de precariedade, em específico no distrito de Parelheiros, que apresenta nível de vulnerabilidade social de médio a alto segundo o Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS) realizado pela Fundação Seade (SÃO PAULO, 2010). Esses dados demonstram, a partir da combinação de condições demográfica e socioeconômica, os fatores específicos que produzem a deterioração das condições de vida como baixos índices de renda média, escolaridade, ciclo de vida familiar, possibilidade de inserção no mercado de trabalho e acesso a bens e serviços públicos.

No âmbito da mobilidade, o distrito apresenta tempo de viagem acima da média do município — mais de uma hora —, e tem como principal modo de transporte o público coletivo, seguido pelo individual ou a pé (SÃO PAULO, 2016). De acordo com Nunes (2019), em 2018, somente seis linhas de ônibus serviam ao distrito e,

dessas, apenas três transportavam até o centro da cidade — em tempos de viagem que levavam até três horas. A precariedade nos serviços públicos também se reflete nos índices com recorte de gênero. De acordo com estes, o distrito está entre as principais posições com casos de gravidez na adolescência — no distrito, 17% dos bebês nascidos vivos é filha ou filho de uma mãe de 19 anos ou menos (SEADE, 2014) —, além das poucas ofertas de hospitais ou leitos, e está entre os quarenta piores no que se refere ao acompanhamento pré-natal considerado insuficiente (REDE NOSSA SÃO PAULO, 2018).

3 Vozes e vivências das mulheres e meninas negras de Parelheiros: o dado essencial para a formulação de políticas urbanas

As vozes e vivências das mulheres e meninas negras de Parelheiros encontram nos sites de coletivos um meio de obter visibilidade, ampliar redes de apoio e colaboração e alcançar reconhecimento e credibilidade. Neste trabalho, foram identificados os seguintes coletivos atuantes em Parelheiros por meio de suas redes sociais: os coletivos Escritureiros e Sementeiras de direitos; o coletivo Abayomi Aba, uma iniciativa que congrega vários outros coletivos negros da região Sul de São Paulo, promovendo ações em colaboração e parcerias; e o coletivo Rusha Montsho, que reúne protagonistas que já mantinham ações individuais ou pertenciam a outros coletivos e, portanto, já possuem experiência nas pautas raciais e de gênero. Longe de alcançar a diversidade de iniciativas temáticas abordadas por esses coletivos, a intenção aqui foi estabelecer uma amostra que permitisse identificar pautas recorrentes que surgem a partir dos discursos, narrativas e vivências das mulheres e meninas negras de Parelheiros. Subjazem às análises dessas narrativas o reconhecimento de sua relevância para a formulação de políticas urbanas.

Os dois primeiros sítios eletrônicos analisados foram, respectivamente, os dos coletivos Escritureiros⁵ e Sementeiras de Direitos⁶. Ambos sediados na plataforma eletrônica do Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário (IBEAC), organização não governamental que atua na promoção dos direitos humanos por meio de projetos comunitários de fortalecimento da cidadania. Suas ações são baseadas em princípios de sustentabilidade e replicabilidade (IBEAC, c2021). Neste contexto, a página do coletivo Escritureiros é dedicada à divulgação das atividades de um grupo, formado em 2008, de adolescentes e jovens que se dedicam à formação em direitos humanos e troca de saberes. Desenvolvem projetos literários e atividades que promovem a cultura local. São responsáveis pela gestão, mediação e articulação da Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura, promovendo atividades de mediação de leitura em escolas, creches e eventos literários. As atividades do coletivo são divulgadas por meio da página no *Facebook* chamada "Escritureiros: Escrita, Aventureiros de Parelheiros". Tem como foco o incentivo à escrita e à leitura enquanto as temáticas de gênero, raça e periferia são abordadas como tema subjacente às atividades realizadas.

Já o coletivo Sementeiras de Direitos é um grupo voltado para a conscientização e acolhimento de mulheres vítimas de violência de gênero. Tem como foco narrativo a desconstrução de estereótipos e preconceitos de gênero e dedica-se à formação de mulheres para o empreendedorismo social em Parelheiros (IBEAC, c2021). Suas ações são divulgadas na página homônima no *Facebook*, em frequente colaboração com o coletivo Escritureiros, em que também são reproduzidas notícias de interesse local acerca das temáticas de gênero, raça e periferia. Anualmente, o coletivo organiza edições do Seminário Sementeiras de Direitos, formado por rodas de conversa e oficinas acerca de temáticas de direitos e segurança da mulher.

O coletivo Abayomi Aba Pela Juventude Negra Viva⁷ focaliza o fortalecimento da articulação política entre os coletivos voltados para a cultura e para a promoção da igualdade racial em Parelheiros, incluindo o coletivo Escritureiros. Mantém uma página homônima no *Facebook*⁸ onde são divulgadas notícias sobre os eventos realizados e de interesse local acerca das temáticas de gênero, raça e periferia, de modo semelhante aos sites anteriormente mencionados. Caracteriza-se como um grupo que valoriza a ancestralidade africana: o termo "Abayomi Aba" significa "encontro agradável nascido numa quinta-feira" na língua nigeriana Iorubá. Também congrega a Biblioteca Carolina de Jesus do CEU Parelheiros, grupo Militantes Negros, o Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (CEDECA) de Interlagos, o grupo Juventude Politizada de Parelheiros e o Coletivo Rusha Montsho. O Coletivo Rusha Montsho⁹, por sua vez, conta com participantes que atuam em outros coletivos, dedicando-se a temas voltados à sexualidade, gênero e valorização da cultura e identidade afro-brasileira. Seus projetos abrangem desde ações de conscientização sobre raça e sexualidade em escolas a eventos esportivos nas ruas de Parelheiros. Mantém uma página homônima no *Facebook*¹⁰ na qual divulgam os eventos que organizam e notícias locais. Também realizam eventos na Casa de Cultura de Parelheiros e na Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura.

4 Análise do escopo das narrativas de coletivos negros na Internet sob a perspectiva interseccional

O escopo das atividades e vivências descritas nas narrativas e discursos dos sites e páginas eletrônicas dos coletivos escolhidos como objeto deste estudo foram agrupados em categorias de análise, como é possível observar no Quadro 1 (abaixo), desdobrando-se em três grupos de abordagens: Espaços Físicos de Atuação; Pautas Cobertas e Atividades Realizadas. As pautas abordadas foram organizadas em quatro conjuntos: a) pautas raciais que, por sua vez, desdobram-se em temas ligados à afrodescendência, à cultura afro-brasileira e ao racismo; b) pautas de gênero, que abordam a violência contra a mulher negra e a beleza, a saúde e

adornos da mulher negra; c) pautas da periferia: Violência contra o povo periférico; equipamentos e infraestrutura na periferia; d) outras pautas relacionadas à educação e cultura, compreendendo: Literatura Africana; História e Cultura Africana; Artes africanas; Datas comemorativas de raça e gênero. Em relação às atividades realizadas, verificaram-se alguns dos formatos de eventos organizados pelos coletivos para disseminar suas práticas: Rodas de conversa; Oficinas Temáticas; Intervenções urbanas culturais; Intervenções urbanas artísticas; Apresentações Culturais; Mediação em escolas e creches; Leituras públicas de textos.

NOME DO COLETIVO/PROJETO	ESCRITUREIROS: AVENTUREIROS DA ESCRITA DE PARELHEIROS	ABAYOMI ABA	MULHERES NA LUTA	COLETIVO RUSHA MONTSHO	SEMENTEIRAS DE DIREITOS
SÍTIOS ELETRÔNICOS:	http://www.ibeac.org.br/escritureiros/	https://abayomiabajny.wordpress.com/sobre/inicio/	https://www.facebook.com/coletivomulheresnaluta	https://rushamontsho.wordpress.com/?fbclid=IwAR1XImCW61XPwnPHUfVykHk07wKTBGAMuky3tyFferuY3kdurupBWDmVvGQ	http://www.ibeac.org.br/sementeiras-de-direitos/
	https://www.facebook.com/Escritureiros-Escrita-Aventureiros-de-Parelheiros-131705787023161/	https://www.facebook.com/abayomiabajny	https://www.youtube.com/channel/UCWHjagaCckEg2eQJYWpP9Q	https://www.facebook.com/rushamontsho/	https://www.facebook.com/sementeirasdedireitos/
ANO DE FUNDAÇÃO	2008	2012	2014	2016	2015
ESPAÇOS FÍSICOS DE ATUAÇÃO:					
Edifícios:					
Equipamentos coletivos (Bibliotecas e Escolas Públicas, etc.)					
Espaços próprios					
Espaços urbanos					
PAUTAS COBERTAS:					
Pautas raciais					
Afrodscendência					
Cultura afro-brasileira					
Racismo					
Pautas de gênero:					
Violência contra a mulher negra					
Beleza da Mulher Negra					
Saúde da mulher negra					
Adornos da mulher negra					
Pautas da Periferia:					
Violência contra o povo periférico					
Outras pautas:					
Literatura Africana					
História e Cultura Africana					
Artes africanas					
Datas comemorativas de raça e gênero					
ATIVIDADES REALIZADAS:					
Eventos abrangindo várias atividades					
Rodas de conversa					
Oficinas Temáticas					
Intervenções urbanas culturais					
Intervenções urbanas artísticas					
Apresentações Culturais					
Mediação em escolas e creches					
Leituras pública de textos					

Quadro 1: Uso dos espaços urbanos, edifícios x atividades realizadas pelos coletivos negros em Parelheiros. Fonte: Elaborado pelas autoras, 2021.

Destacam-se três aspectos significativos, no que se refere às interfaces entre a presença e ação das mulheres negras na Internet e os territórios que ocupam em Parelheiros. São eles: o uso dos espaços urbanos; o uso dos equipamentos coletivos de educação e cultura; as pautas — divulgadas pelas páginas eletrônicas —, promovendo projetos educativos, culturais e artísticos associadas à reivindicação por serviços e infraestrutura pública de educação, saúde e segurança. É possível notar que os espaços urbanos e equipamentos coletivos que abrigam essas atividades não se localizam, necessariamente, em Parelheiros ou em outras regiões periféricas. Existem também equipamentos culturais de uso público como Instituições e Centros Culturais localizados em diversas regiões da cidade, ainda que predominantemente na região Sul de São Paulo, como o SESC e o CEDEC, ambos em Interlagos, e o Centro Cultural Santo Amaro.

Uma proporção significativa do conteúdo dos sites e páginas eletrônicas dos coletivos analisados aponta para problemas derivados do "silenciamento das periferias", reflexo da ausência de estudos e reconhecimento governamental dos números específicos e das formas de violência que afetam as pessoas negras de modo mais intenso. As pautas são promovidas também nos espaços digitais por meio de campanhas de doação e conscientização em clubes de trocas, bem como por meio da divulgação de eventos, de projetos culturais, artísticos e educacionais, e demais notícias ligadas às pautas aqui descritas. A potência da escrita, seja pela expressão literária, poética, artística, seja pela expressão em postagens nas redes sociais, aparece de modo recorrente como um importante recurso de presença, de reivindicação de atenção, engajamento e

credibilidade. Como é possível ler na página do Facebook das Sementeiras de Direitos ao divulgar o projeto "Vozes Daqui: de Parelheiros para o Mundo":

Vozes Daqui é sobre dar luz à comunicação como direito! Direito esse que transpõe a narrativa limitada ao acesso à informação! Trata-se de amplificar a voz pela expressão escrita, fazendo ecoar a palavra no território e fora dele pelo uso deste meio de comunicação. É vociferar o território-abundância que é Parelheiros pela escrevivência da gente-potência daqui! (SEMENTEIRAS DE DIREITOS, 2020, n. p.)

As pautas subjacentes residem nos contextos periféricos de exiguidade e inadequação de espaços públicos ao ar livre, equipamentos coletivos de educação, cultura e saúde. Cabe enfatizar que as páginas digitais analisadas permitem notar o importante papel desempenhado pelos eventos realizados dentro e fora de Parelheiros, a maioria localizada na Zona Sul paulistana. Com efeito, um dos tópicos abordados de forma recorrente consiste na exclusão das habitantes da periferia dos serviços e infraestruturas, que servem melhor a habitantes de regiões centrais. Em especial no caso de Parelheiros, a insuficiência da rede de transportes públicos torna o trajeto para outras regiões da cidade difícil, demorado e caro, consistindo em uma barreira significativa ao acesso dessas comunidades a áreas mais centrais.

5 Considerações finais

A espacialização dos dados relativos à população negra em São Paulo apresentada neste artigo expressa a intensa desigualdade socioespacial no território urbano, ilustrando como a precariedade habitacional é maior em locais majoritariamente habitados por pessoas autodeclaradas negras. Em Parelheiros, esta precariedade afeta particularmente as mulheres e meninas: o distrito é recordista em casos de gravidez na adolescência e de violência contra a mulher. Nesse contexto, o registro das vozes das mulheres e meninas negras de Parelheiros na Internet constitui-se em fonte de conhecimento sobre como as condições, tanto sociais como territoriais, articulam-se e afetam suas vidas e seus destinos cotidianamente.

Alguns tópicos recorrentes nos quatro sítios eletrônicos analisados — dos coletivos Escritureiros, Sementeiras de Direitos, Abayomi Aba e Rusha Montsho — apontam para a relevância da perspectiva interseccional estabelecida a partir do feminismo negro: as discussões sobre raça, afrodescendência e a cultura afro-brasileira; as particularidades da saúde da mulher negra e as diferentes violências sofridas por elas; a beleza e os adornos das mulheres negras; e a cultura, arte e história africanas. O pano de fundo dessas narrativas é sempre o território, por isso a condição periférica tem papel de destaque, quase protagonismo. A violência contra o povo periférico e a precariedade e insuficiência dos equipamentos e infraestrutura urbanos são tópicos permanentemente presentes nestas narrativas. Trataria-se de um aspecto local que sinaliza um sintoma geral? Possivelmente. Como Santos, Araújo e Baumgarten ponderaram, as narrativas do Sul Global parecem estar sempre sujeitas "à extenuante posição de reação" (2016, p. 18): a periferia em relação ao centro, a alternativa em relação à tradição.

Os circuitos hegemônicos das publicações universitárias, editoras e periódicos tradicionais adotam formas discursivas estruturadas aos moldes das recentes exigências de internacionalização da ciência. Estas exigem que os estudos apresentem resultados que possam ser embalados para apresentação em língua inglesa (SANTOS, ARAUJO, BAUMGARTEN, 2016). Este é, entretanto, um universo muitas vezes estranho à experiência das mulheres periféricas, cujos saberes, memórias, culturas e narrativas acontecem e são narrados em outras dimensões. Sob as perspectivas epistemológicas do Sul Global, torna-se possível compreender, por meio dos relatos veiculados em sítios na Internet, seus valores individuais e comunitários. Isso porque essas mulheres oferecem informações sobre seu território por meio de perspectivas e narrativas que são visíveis e perceptíveis apenas a partir de suas próprias experiências. O conhecimento que produzem origina-se das circunstâncias que lhes são próprias: dos obstáculos e oportunidades que dão sentido às suas vidas e às suas vivências, e que apontam para e criação dos caminhos de transformação dos territórios em que vivem.

Agradecimentos

Este trabalho foi desenvolvido com apoio da CAPES por meio do Programa de Excelência PROEX e do Programa Institucional de Internacionalização PRINT, pelo qual as autoras expressam aqui seus agradecimentos. As autoras são igualmente gratas a Leticia Becker Savastano, pela revisão dos textos em português e inglês.

Referências

ABAYOMI ABA. Abayomi Aba: pela Juventude Negra Viva. **Abayomi Aba Wordpress**. Disponível em: https://abayomiabajnv.wordpress.com/?fbclid=IwAR3_Ek1gJXWhq_QWG-3P_Ua8LtzisgpVkaPxfBzOTeM121KZhTzPr371Zxk. Acesso em: 21 Nov. 2020.

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo, SP: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALLEN, A. Feminist Perspectives on Power. **The Stanford Encyclopedia of Philosophy** (Fall 2016 Edition), Edward N. Zalta (ed.). Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/feminist-power/>. Acesso em: 01 Nov. 2020.

AMNB. Articulação das Mulheres Negras Brasileiras. **AMB.org**. Disponível em: <https://amnb.org.br/>. Acesso em: 21 Out. 2020.

BLOGUEIRAS NEGRAS. Blogueiras Negras: Informação para fazer a cabeça. **Blogueiras Negras.org** Disponível em: <http://blogueirasnegras.org>. Acesso em: 21 Out. 2021.

BROTO, V.C.; ALVES, S.N. Intersectionality challenges for the co-production of urban services: notes for a theoretical and methodological agenda. **Environment & Urbanization**, 2018, Vol. 30 (2): 367-386. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0956247818790208>. Acesso em: 13 Nov. 2020.

CARTA das Mulheres Negras 2015. Marcha das Mulheres Negras 2015 contra o Racismo, a Violência e pelo Bem viver. **Portal Geledés** 18/11/2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/carta-das-mulheres-negras-2015/>. Acesso em: 25 Nov. 2020.

CARNEIRO, F. F.; RIGOTTO, R. M.; PIGNATI, W. Frutas, cereais e carne do sul: agrotóxicos e conflitos ambientais no agronegócio no Brasil. In: FERNANDES, L.; BARCA, S. **E-cadernos - Desigualdades Ambientais: Conflitos, Discursos e Movimentos**. Universidade de Coimbra: Centro de Estudos Sociais, n. 17, p. 10-29, julho-agosto-setembro. 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/eces/1101>. Acesso em: 23 Mai. 2020.

CEERT. Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades. **Ceert.org**. Disponível em: <https://ceert.org.br>. Acesso em: 21 Out. 2021.

CRENSHAW, K. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory, and Antiracist Politics. In: BARTLETT, K. T. Barlett; KENNEDY, R. (eds.), **Feminist Legal Theory: Readings in Law and Gender**, Boulder, CO: Westview Press. 1991a.

CRENSHAW, K. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color, **Stanford Law Review**, Vol.43, N.6. 1991, p. 1241-1299. 1991b.

CRIOLA. C. **Criola.org**. Disponível em: <https://criola.org.br/onepage/quem-somos/>. Acesso em: 21 Out. 2021.

ESCRITUREIROS. Escritureiros. **Ibeac.org**. Disponível em: <http://www.ibeac.org.br/escritureiros/>. Acesso em: 21 Out. 2021.

PORTAL GELEDÉS. Portal Geledés: Instituto da Mulher Negra. **Geledés.org**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br>. Acesso em: 21 Nov. 2021.

HOFMANN, S; DUARTE, M. C. Gender and natural resource extraction in Latin America. **European Review of Latin American and Caribbean Studies / Revista Europea de Estudios Latinoamericanos y del Caribe**, January-June, 2021, N. 111. P. 39-63. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/pdf/48621865.pdf?ab_segments=0%252Fbasic_expensive_solr_cloud%252Fcontrol&refreqid=excelsior%3A4fc674da5293eee8f1e0b0f6 Acesso em: 21 Out. 2021.

IBEAC. Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário. **Ibeac.org**. Disponível em: <http://www.ibeac.org.br/sobre-o-ibeac/missao/>. Acesso em: 21 Out. 2021.

IBGE. Censo Demográfico. Tabela 3175 - População residente, por cor ou raça, segundo a situação do domicílio, o sexo e a idade. **Sidra-Ibge**, 2010. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3175>. Acesso em: 01 Out. 2021.

LIMA, E. F. O Fazer-interseccional no trabalho de educação em sexualidade. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação** No. 8, Julho, 2019. P. 95-102 Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/files/artigo/ce71e77c/e409/4c9f/b5df/07fd66a58bf8.pdf>. Acesso em: 10 Nov. 2020.

MULHERES NA LUTA. Post de 12 de fevereiro de 2019. **Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/coletivomulheresnaluta>. Acesso em: 01 Nov. 2020.

NUNES, L. Nos últimos pontos de ônibus de São Paulo. **Agência Mural**. São Paulo, 30 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/parelheiros-onibus-zona-sul-de-sao-paulo/>. Acesso em: 15 Set. 2019.

REDE NOSSA SÃO PAULO. Mapa Da Desigualdade **Da Primeira Infância**. São Paulo, 2020. 51 p. Disponível em: https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Mapa_PrimeiraInfancia-2020-completo.pdf. Acesso em: 10 Nov. 2020.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala**. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

RIGON, A.; BROTO, V. C. **Inclusive Urban Development in the Global South**. s.l.: Routledge, 2021.

RUSHA MONTSHO. Coletivo Rusha Montsho. **Rusha Montsho Wordpress** Disponível em: https://rushamontsho.wordpress.com/?fbclid=IwAR2tdgWVcV_MKYnrPxQmyO2ehEC7UYKVMdfgQXAVpOg6XaGDWkcU1Q9XJg. Acesso em: 21 Out. 2021.

SÃO PAULO (ESTADO). Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados - SEADE. Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional (org.). **ÍNDICE PAULISTA DE VULNERABILIDADE SOCIAL: IPVS** versão 2010, 2010. 20 p. Disponível em: http://ipvs.seade.gov.br/view/pdf/ipvs/principais_resultados.pdf. Acesso em: 20 Nov. 2020.

SÃO PAULO (MUNICÍPIO). Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo: lei municipal nº 16.050, de 31 de julho de 2014. Texto da lei ilustrado. São Paulo: Prefeitura Municipal, 2015. Disponível em: <http://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2015/01/Plano-Diretor-Estrat%C3%A9gico-Lei-n%C2%BA-16.050-de-31-de-julho-de-2014-Texto-da-lei-ilustrado.pdf>. Acesso em: 21 Dez. 2020.

SÃO PAULO (MUNICÍPIO). Prefeitura Municipal de São Paulo. Secretaria Municipal de Promoção da Igualdade Racial - SMPRI. **Igualdade Racial em São Paulo: Avanços e Desafios**: relatório final. São Paulo, 2015. 16 p. Disponível em: https://ceapg.fgv.br/sites/ceapg.fgv.br/files/2017_sp_diverso_igualdade_racial_em_sao_paulo.pdf. Acesso em: 01 Nov. 2020.

SÃO PAULO (MUNICÍPIO). Prefeitura Municipal de São Paulo. Caderno de Propostas dos Planos Regionais das Subprefeituras: Quadro Analítico - Parelheiros. Dezembro, 2016. Disponível em: <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/QA-PA.pdf>. Acesso em: 22 Mai. 2020.

SÃO PAULO (MUNICÍPIO). Sistema de consulta do Mapa digital da Cidade de São Paulo. **Geosampa**. Disponível em: <http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/SBC.aspx>. Acesso em: 05 Out. 2021.

SANTOS, B. S.; ARAÚJO, S.; BAUMGARTEN, M.. As Epistemologias do Sul num mundo fora do mapa. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 18, n. 43, set/dez 2016. p. 14-23. Disponível em: <https://bit.ly/3HMBZGO>. Acesso em: 20 Out. 2021.

SEADE. Perspectivas demográficas dos distritos do Município de São Paulo: o rápido e diferenciado processo de envelhecimento. **SP Demográfico - Resenha de Estatísticas Vitais do Estado de São Paulo**, São Paulo, ano 14, n. 1, janeiro de 2014. Disponível em: https://www.seade.gov.br/wp-content/uploads/2014/07/spdemog_jan2014.pdf. Acesso em: 05 Out. 2021.

SEMENTEIRAS DE DIREITOS. Sementeiras de Direitos. **Ibeac.org**, c.2021. Disponível em: <http://www.ibeac.org.br/sementeiras-de-direitos/>. Acesso em: 21 Out. 2021.

SEMENTEIRAS DE DIREITOS. Sementeiras de Direitos. **Facebook**, 4 de abril. c. 2021. Disponível *online* em: <https://www.facebook.com/sementeirasdedireitos/>. Acesso em: 01 Out. 2021.

SILVA, C.; RIBEIRO, S. Feminismo Negro. De onde viemos: aproximações de uma memória. In: HOLLANDA, H. B.. **Explosão Feminista**: Arte, Cultura, Política e Universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

1 Portal Geledés: Instituto da Mulher Negra. Disponível em: <https://www.geledes.org.br>. Acesso em: 01 Nov. 2020.

2 O Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT). Disponível em: <https://ceert.org.br/>. Acesso em: 01 Nov. 2020.

3 Articulação de Mulheres Negras Brasileiras. Disponível em: <https://amnb.org.br>. Acesso em: 01 Nov. 2020.

4 Blogueiras Negras. Disponível em: blogueirasnegras.org. Acesso em: 01 Nov. 2020.

5 Portal IBEAC. Disponível *online* em: <http://www.ibeac.org.br/escritureiros/>. Acesso em: 01 Nov.2020 e Página Escritureiros Escrita Aventureiros de Parelheiros no Facebook. Disponível em:

<https://www.facebook.com/Escritureiros-Escrita-Aventureiros-de-Parelheiros-131705787023161/>. Acesso em: 01 Nov. 2020.

6 Portal IBEAC. Disponível *online* em: <http://www.ibeac.org.br/sementeiras-de-direitos/> Acesso em: 01/11/2020 e Página Sementeiras de Direitos no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/sementeirasdedireitos/>. Acesso em: 01 Nov. 2020.

7 Portal Abayomi Aba. Disponível *online* em: <https://abayomiabajnv.wordpress.com/?fbclid=IwAR27sGptg-kxjphQKl49ZwCbrQx38YWVAUmoLs1DVIO-QpAYdRxi63BnSog>. Acesso em: 01/11/2020

8 Página do coletivo Abayomi Aba no *Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/abayomiabajnv/>. Acesso em: 01 Nov. 2020.

9 Portal Coletivo Rusha Montsho. Disponível em: https://rushamontsho.wordpress.com/?fbclid=IwAR1aGFBS7g4oKlZDzuicoPq71Fn3gMrcEMpW_i9oswrE8o6RtVsLcDaf7zQ. Acesso em: 01 Nov. 2021.

10 Página do Coletivo Rusha Montsho no *Facebook*. Disponível *online* em: https://www.facebook.com/rushamontsho/about/?ref=page_internal. Acesso em: 01 Nov. 2021.